

ABORDAGEM MULTIRREPRESENTACIONAL DO ACENTO

Neste capítulo, iremos analisar a proeminência acentual no português segundo princípios de teorias linguísticas multirrepresentacionais. Defende-se que tal análise apresenta vantagens sobre as abordagens anteriores, (1) por prescindir de mecanismos cognitivos específicos à linguagem, como módulos e regras; (2) por acomodar tanto os casos considerados regulares quanto os excepcionais; (3) por integrar as diversas dimensões linguísticas (morfologia, semântica etc); (4) por incorporar a multimodalidade, contemplando características funcionais, acústicas e gestuais envolvidas na produção e percepção do acento. Antes de passarmos à análise do acento do português segundo modelos multirrepresentacionais, no entanto, iremos realizar um breve desvio cronológico, abordando os princípios de funcionamento do acento lexical no latim, precursor temporal do português. Defendemos que tal passo é essencial, uma vez que, em uma perspectiva dinâmica, o estado anterior do sistema – no caso, o latim – é determinante para sua configuração atual – o sistema acentual do português (GELDER; PORT, 1995). Dessa forma, a análise que será construída neste estudo se baseará nos dados do português brasileiro, mas irá considerar acessoriamente informações diacrônicas.

5.1 PERCURSO HISTÓRICO DO ACENTO LEXICAL PORTUGUÊS

O português, como língua românica, tem origens diretas no latim falado pelo povo romano. Chegaram até nós inúmeros registros de diferentes períodos e estilos, que permitem ao investigador explorar a trajetória de mudanças sonoras envolvidas nas sucessivas transformações da língua latina em português arcaico e, posteriormente, em português moderno. Neste tipo de estudo, preferência é dada a amostras textuais que deixam entrever indícios de como eram pronunciadas as unidades gráficas que nos restaram (e.g. *Appendix Probi* e obras normativas, *graffiti* e excertos de escrita do povo, composições literárias em verso). Inegável que este tipo de análise guarda uma parcela de especulação, mas, infelizmente, há muito já não havendo falantes de latim disponíveis, é a única possibilidade de vislumbrar aspectos sonoros dessa língua. No caso do tema em estudo, afirmações mais seguras podem ser elaboradas, em vista da documentação abundante sobre o acento latino, que apresentava padrões de localização bem definidos. Apresentaremos, a seguir, uma breve descrição do acento latino e suas transformações ao longo do surgimento do português, com base em Faria (1970, 1995), Silva (1995), Teyssier (2001), Williams (1975) e Zágari (1988).

No latim, o sistema acentual era regular e obedecia à “regra das três sílabas”: palavras de três ou mais sílabas traziam acento na penúltima sílaba se esta fosse longa¹ (e.g. *senātus* “senado”) e, se fosse breve, na antepenúltima sílaba (e.g. *ānīma* “alma”); palavras dissilábicas sempre apresentavam acento na penúltima sílaba, independentemente de sua duração (e.g. *fīdes* “fé”, *lābor* “trabalho”). Havia, portanto, uma interação entre o acento e duração silábica, propriedade fonológica conhecida tradicionalmente como sensibilidade ao peso silábico.

Se o acento era previsível, regular, era também produtivo: palavras que viessem de outra língua – do grego, por exemplo –, se adaptadas à declinação latina, obedeceriam também a acentuação do latim, como conta Diomedes (*apud* FARIA, 1970).

Quanto ao aspecto funcional, o acento, no latim, seria demarcativo, pois serviria como pista para sinalizar a proximidade da fronteira da palavra em uma sílaba (paroxítonas) ou duas sílabas (proparoxítonas). As raras exceções à janela de localização do acento são resultado de processos erosivos de cancelamento final (e.g. *illīc* < *illīce*, *cupīt* < *cupiuit*, como testemunha Prisciano *apud* FARIA, 1970). O acento no latim seria também culminativo: considerando o domínio de aplicação, sabemos que em cada palavra latina (exceto os clíticos) haveria uma sílaba mais proeminente que as demais. Sobre tal sílaba recaía o acento (*accentum*).² Por outro

¹ Nas palavras latinas, se relevante, a sílaba longa terá sua vogal marcada pelo mácron (̄) e a breve, pela braquia (˘).

² “A sílaba que mais soa na palavra toda é a que tem acento” (“Illa syllaba plus sonat in toto uerbo, quae accentum habet.”, Pompeio *apud* FARIA, 1995, p. 35).

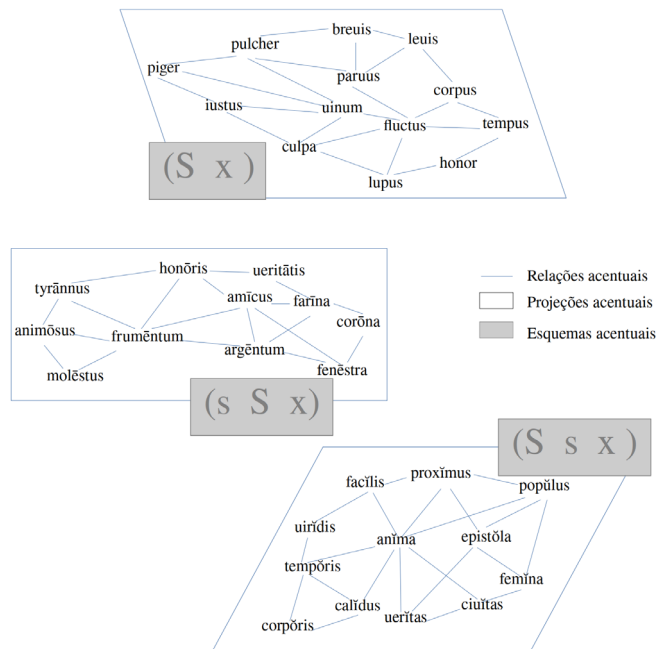
lado, o acento não era contrastivo, pois este papel antes era exercido pela duração silábica: e.g. *nītor* “brilho” x *nītor* “(eu) me apoio”; *lēuis* “liso” x *lēuis* “rápido”.

Em suma, de um ponto de vista fonológico, o acento latino se caracterizava pela regularidade de localização, pela produtividade e pelo exercício de função demarcativa e culminativa, mas não contrastiva.

Sob perspectiva de uso e de exemplares, como a que é adotada neste estudo, a estrutura gramatical surge a partir do mapeamento de experiências linguísticas armazenadas na mente dos falantes, pela construção de esquemas abstratos (BYBEE, 2010; LANGACKER, 1987). Nessa perspectiva, a regularidade e a produtividade, como no caso do acento latino, emergiriam da forte relação circular entre aspectos das experiências linguísticas armazenadas – a proeminência acentual das palavras – e as abstrações construídas a partir delas – esquemas acentuais.

Note-se que, na perspectiva teórica adotada neste trabalho, as representações construídas pelos falantes a partir dos eventos linguísticos são dinâmicas. Dessa forma, os diagramas ilustrativos que serão apresentados a seguir devem ser interpretados como “retratos” do sistema. Na FIG. 9, a seguir, é mostrada uma forma de representação da emergência de esquemas abstratos, pela projeção ou abstração de uma rede de relações acentuais.

FIGURA 9 – Representação de redes e esquemas acentuais no latim



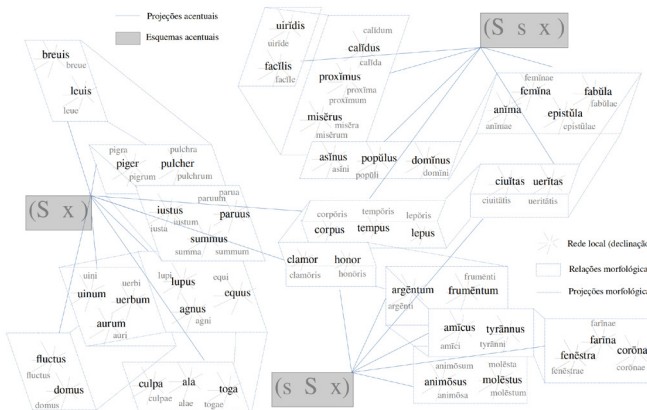
Esquemas acentuais, ilustrados por retângulos em cinza, são estruturas abstratas (*templates*) extraídas de padrões recorrentes na localização da proeminência em termos de contagem de sílabas e peso (i.e. quantidade) silábico. Ou seja, a partir de inúmeros elementos (como palavras e morfemas) que se comportam de forma semelhante (proeminência acentual na penúltima ou antepenúltima sílabas, a depender do peso da penúltima), emergem generalizações que refletem as tendências principais (de modo geral, [s S x] e [S s x]; em palavras dissílabas, [S x])³. Tais generalizações são projetadas abstratamente na forma de esquemas. A direção dos planos (paralelogramo com laterais inclinadas à esquerda, à direita ou verticais) reflete a coocorrência de um padrão acentual em um mesmo grupo de elementos, que leva à projeção abstrata das relações acentuais.

A análise do acento proposta neste estudo se fundamenta na ideia de que a organização acentual no português emerge a partir de relações semânticas, fonéticas e morfológicas consolidadas previamente, no latim. Argumentaremos que a coocorrência dos padrões regulares do sistema acentual latino com redes morfológicas robustas leva ao estabelecimento de conexões entre a localização do acento e a estrutura flexional das palavras no PB. Em um modelo de redes, tal mecanismo pode ser explicado como uma forma de *entrenchment*:

Entrenchment is straightforwardly identifiable as an adjustment in connection weights, brought about by the occurrence of a pattern of activation, which renders more likely the re-occurrence of the same or a comparable pattern. With respect to the system's movement through state space, entrenchment amounts to the emergence of an attractor.” (LANGACKER, 1999, p. 96).

A FIG. 10, a seguir, ilustra uma possibilidade de representação das relações morfológicas e acentuais latinas segundo um modelo de rede.

FIGURA 10 – Representação de redes morfológicas e acentuais no latim



³ Escolhemos arbitrariamente as letras “S”, “s” e “x” para representar, no sistema latino, respectivamente a sílaba que recebe proeminência, sílabas que não recebem proeminência e a sílaba final, que é ignorada na atribuição do acento.

Na FIG. 10, é proposta uma estrutura de redes formada a partir de conexões acentuais. Tal estrutura coexiste em meio a outras redes, como as estabelecidas pelos paradigmas de flexão, representadas na FIG. 10 como planos morfológicos. A relação estabelecida entre formas flexionadas (declinadas) de uma mesma palavra é mostrada na forma de uma rede local: um feixe de ligações tendo como centro uma forma de alta ocorrência. O pertencimento a uma mesma declinação é ilustrado pela inserção em um mesmo plano morfológico (e.g. *piger* e *pulcher* pertencem a um mesmo paradigma de declinação, enquanto *brevis* e *leuis* seguem outro paradigma). O compartilhamento parcial de uma declinação corresponde à sobreposição dos planos morfológicos (e.g. *piger* e *pulcher* pertencem a um paradigma de declinação parcialmente semelhante ao de *iustus*, *paruus* e *summus*). As relações que caracterizam um mesmo grupo ou classe gramatical são expressas pelas projeções morfológicas (e.g. *piger*, *pulcher* são adjetivos, enquanto *lupus*, *equus* e *agnus* são substantivos).

As representações propostas nas FIG. 9 e 10 contemplam apenas o sistema nominal, por uma restrição de espaço, e se aplicariam também ao sistema verbal, mas com um maior número de conexões entre os elementos, devido ao maior nível de complexidade flexional na morfologia verbal.

Como dissemos acima, a respeito da FIG. 9, esquemas acentuais abstratos são construídos a partir de padrões recorrentes na localização da proeminência acentual em termos de contagem de sílabas e peso silábico. O peso silábico, dessa forma, funcionaria como um atrator acentual no sistema latino. O *entrenchment* dos esquemas acentuais (FIG. 9) com a rede morfológica densa e coesa do latim (FIG. 10) resultaria em redundância nas conexões, com o surgimento de novo atrator no sistema acentual – ou seja, passariam a coexistir dois atratores, peso silábico e rede morfológica. Dessa forma, explica-se porque a perda da quantidade vocálica, que tinha impacto direto no peso silábico, não desestabilizou o sistema acentual na passagem para o português, como veremos a seguir.

A natureza fonética do acento no latim é muito debatida e talvez não seja possível determiná-la com segurança, em vista da ausência irremediável de material fônico daquela época. Contudo, a maioria dos estudiosos sugere que o acento era realizado por uma mistura das propriedades intensidade e altura, ainda que uma acessória à outra.

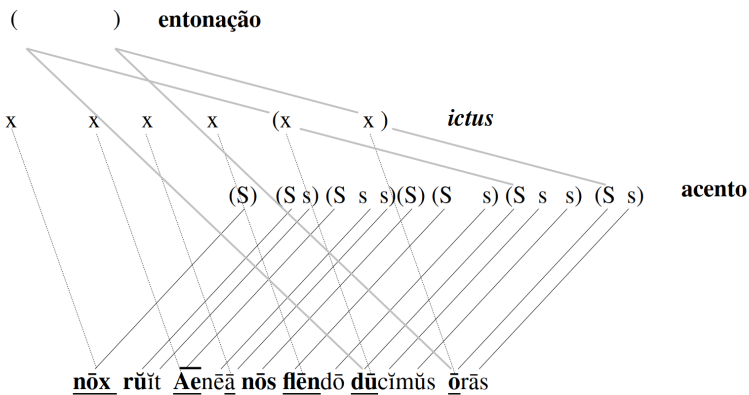
Pouco se conhece sobre a entoação latina, mas há indícios de que o ritmo da língua, desde o nível da palavra, até o nível da sentença, era fortemente baseado na quantidade (FARIA, 1970). Alguns indícios sobre a entoação e acento podem ser inferidos da metrificação de obras em verso, em que cada pé era dotado de

um *ictus*⁴. Este seria uma proeminência de nível superior ao acento, com o qual nem sempre se fazia coincidir. Como vemos nos versos a seguir (*Eneida*, IV, 439-443), o *ictus* de cada pé (sílabas sublinhadas) não segue a acentuação das palavras (negrito), mas a duração silábica, recaindo sempre sobre sílabas longas:

nōx rūit | Aenē|ā **nōs** flēndō | dūcīmūs | **h**ōrās
hic lōcūs | **ē**st p̄ar|tīs ūbī | **s**ē viā | **f**indīt in | **ā**mbās
dēxtērā | **qu**āe Dī|tīs māg|nī sūb | **m**ōenīā | **t**ēndīt
hac itēr | Elysi|ūm nō|bīs at | **l**āevā māl|**l**ōrūm
ēxēr|cēt pōe|**n**ās **ē**t **ā**d | **i**mpīā | **T**ārtārā | **m**ītīt

É conhecida, contudo, uma tendência a fazer recair o *ictus* sobre o acento lexical nos dois últimos pés do verso, especialmente no penúltimo, o que poderia ser uma indicação de estrutura entoacional, de nível ainda superior ao *ictus*. Nesse sentido, o acento possivelmente seria usado como hierarquizador (função culminativa), interagindo com a quantidade vocálica e com o *ictus* para ancoragem da estrutura entoacional sobre a estrutura segmental. A título de ilustração, retomamos a seguir o primeiro verso do poema supracitado, acrescentando uma proposta de representação fonológica métrica, na FIG. 11, abaixo.

FIGURA 11 – Níveis prosódicos na metrificação latina



Um dos fenômenos sonoros mais marcantes da dissolução da língua latina, do qual as consequências se fizeram sentir em todas as línguas românicas, foi a perda da quantidade vocálica como propriedade distintiva – i.e. sua desfonologização. No caso da passagem do latim para o português, o percurso ocasionou a mudança de um sistema de dez vogais em contraste (“ī, ē, ā, ō, ū, ī, ē, ā, ō, ū”) para apenas sete (“i e ε a o ɔ u”, em posição acentuada, considerando o português brasileiro atual). Tal

⁴ Proeminência de cada pé métrico no verso, recaía sempre sobre a primeira sílaba do pé. Não há consenso sobre a natureza fonética do *ictus* no verso latino.

mudança implicou, não só na redução do paradigma vocálico, por meio da fusão de categorias, mas também em alterações na qualidade das vogais médias, que passaram a distinguir-se, aos pares, por níveis mais sutis de altura na articulação (e x ε ; o x ɔ). A consequência mais importante desse fenômeno para o raciocínio aqui desenvolvido diz respeito ao que interpretamos como uma desestabilização do sistema de acento regular latino. Como a quantidade vocálica tinha influência na quantidade silábica⁵ e esta guardava forte correlação com a localização do acento na palavra, a desfonologização da quantidade vocálica não pode deixar de ocasionar uma mudança na funcionalidade do acento, que passou a desempenhar o papel contrastivo – mas a regularidade e previsibilidade de sua localização se perdeu na história, preservada apenas como fóssil nas próprias palavras. Nessa perspectiva, não haveria um mecanismo único responsável pela localização do acento no português. As aparentes relações entre estrutura silábica e localização do acento podem ser interpretadas como resquício dos *templates* acentuais do sistema latino. No português, a localização do acento passou a ser definida também com referência a palavras particulares, podendo mesmo ser propriedade estendida a unidades menores que a palavra, como morfemas⁶, que emergem na gramática a partir de relações semânticas e fonéticas. A estrutura morfológica passou a interagir diretamente com a acentuação.

Se há quem defenda que o acento latino fosse realizado por mais de um parâmetro acústico, fato é que a perda da quantidade vocálica libertou a propriedade de duração de seu papel contrastivo anterior e esta passou a se correlacionar com a realização do próprio acento. Tal relação já existia, uma vez que as sílabas acentuadas nas paroxítonas eram sempre longas, mas inverteu-se o jogo entre a propriedade principal e a acessória na relação acento-quantidade. Como vimos no capítulo 2, estudos do acento no português brasileiro apontam como correlatos fonéticos principais justamente duração e intensidade, o que seria condizente com a hipótese descrita nos parágrafos anteriores.

Ao longo da transformação do sistema acentual latino no que veio a se tornar o sistema acentual português, o surgimento e fortalecimento do padrão oxítono ocorreram principalmente como consequência de processos fonológicos redutivos (e.g. apagamento de sílaba átona final ou medial, cf. Teyssier (2001)) e empréstimos de outras línguas (francês, árabe e línguas indígenas e africanas, no português brasileiro).

⁵ Não havia uma relação unívoca entre quantidade da vogal e da sílaba, visto que esta última era também influenciada por sons não nucleares da sílaba: e.g. em *mens* “mente”, independentemente da duração da vogal “e”, a sílaba seria longa, devido ao encontro de duas consoantes, “ns”, seguindo seu núcleo.

⁶ Para uma abordagem do acento do português como propriedade dos morfemas, cf. Cagliari (1999).

No surgimento do português, mesmo com a desfonologização da quantidade, motivação primária do acento latino, foi preservada nas palavras e morfemas a localização acentual. Algumas exceções dizem respeito a mudanças no padrão acentual não relacionadas a empréstimos ou a cancelamentos finais, que atribuíremos a efeitos das conexões em rede sobre a estrutura gramatical. Por exemplo, nas formas latinas de imperfeito na primeira e segunda pessoas do plural (e.g. *amabāmus* “amávamos” e *amabātis* “amáveis”), o acento caía sobre a flexão de tempo (-bā-), deslocando-se para a sílaba anterior no português. A explicação desse fenômeno em modelos fonológicos tradicionais é intrincada – e.g. Lee (2007) recorre ao princípio de uniformidade paradigmática, que busca explicar casos em que palavras se comportam diferentemente do esperado, seguindo o paradigma morfológico ao invés de se sujeitarem a regras fonológicas.

Em um modelo de exemplares, tal fenômeno se manifesta naturalmente como consequência de efeitos de frequência lexical de tipo, em um sistema morfológico concebido como estrutura emergente a partir de relações em rede (BYBEE, 1995). Se a estrutura linguística emerge da armazenagem e conexão das ocorrências de uso, a frequência de uso e de tipo teriam impacto na organização gramatical, sendo determinantes, respectivamente, para a força lexical e para a produtividade de padrões (BYBEE, 1985). Segue daí que os padrões de menor frequência de ocorrência, como as formas verbais do imperfeito de primeira e segunda pessoas do plural, se mostram mais suscetíveis ao nivelamento analógico (BYBEE, 2001), passando a integrar o paradigma regular, em que o acento recai sobre a última sílaba da base, como no caso apresentado, em já não havendo restrições quanto à localização do acento.

5.2 ABORDAGEM MULTIRREPRESENTACIONAL

Hyman (1977) propõe, na forma de uma tipologia funcional, a existência de dois tipos de sistema acentual: o primeiro, baseado no acento lexical – cuja localização na palavra seria livre e imprevisível, como na língua *asmat*, da Nova Guiné –, derivaria historicamente do segundo, baseado no acento gramatical – com localização predizível, seja demarcando a fronteira das palavras (função demarcativa, como no polonês), seja as fronteiras de morfemas (função morfológica, como no russo). Analisando diversas línguas não aparentadas, Hyman (1977) sugere que o percurso histórico de transformação do acento gramatical em lexical geralmente resultaria de fenômenos como a perda do peso silábico, o cancelamento de vogais postônicas e a epêntese vocálica. Os três fenômenos mencionados por Hyman aconteceram com o surgimento do português – os dois

últimos ainda acontecem – e, nessa perspectiva, interagiriam com os padrões de localização do acento na língua. Hyman reconhece a possibilidade de co-exercício de mais de uma função pelo acento no mesmo sistema acentual, o que parece se adequar ao caso do espanhol, mencionado pelo autor, e do português, caso do presente estudo. Procuraremos mostrar, a seguir, que o acento no PB tem função demarcativa, interage com a estrutura morfológica, mas não é estritamente determinado por esses dois fatores e desempenha um papel na estrutura lexical da língua. Exerceria, portanto, tanto a função lexical quanto gramatical, possibilidade que Hyman reconhece e que poderia apontar para a necessidade de inserir um terceiro novo tipo de sistema acentual em sua tipologia.

O acento, no português, funciona como delimitador de um núcleo lexical, ancorado no plano silábico, e estabelece uma conexão entre as estruturas segmental, entoacional e conceitual. Como consequência do papel de delimitador lexical exercido pelo acento, verifica-se no PB uma tendência à preservação da sílaba acentuada em fenômenos de variação e mudança linguística. Nessa língua, fenômenos sonoros afetam preferencialmente as sílabas átonas, conservando o núcleo lexical, ancorado na sílaba acentuada. Ademais, deslocamentos acentuais são raros (e.g. poucos casos como *xerox* x *xerox*; *ruim* x *ruim*). Línguas em que o acento “flutua”, dependendo da construção sintática, apresentariam outro tipo de relações e outra funcionalidade por trás do fenômeno acentual. Considerando a perspectiva teórica proposta pela Linguística Cognitiva, a acentuação no PB pode ser interpretada em termos de uma relação cognitiva de figura (*figure*) e fundo (*ground*).

[...] figure/ground organization is a valid and fundamental feature of cognitive functioning. By the assumptions of cognitive grammar, the prevalence of figure/ground organization in conceptual structure entails its importance for semantic and grammatical structure as well. [...] phenomena generally recognized as instances of figure/ground alignment might be regarded as special cases of the more general and pervasive process of comparison. It would then be possible to characterize a figure as the target of scanning at some level of organization. (LANGACKER, 1987, p. 120-121).

A sílaba acentuada, à qual é conferida maior proeminência sonora, se destacaria também pela maior saliência cognitiva – i.e. seria a figura. Já as sílabas não acentuadas, menos proeminentes em termos sonoros, seriam menos salientes cognitivamente e desempenhariam o papel de fundo na comparação estabelecida pelo acento. Nesse contexto, a preservação do acento pelos fenômenos sonoros pode ser interpretada como uma estratégia de preservação da saliência cognitiva para otimização do acesso lexical.

O acento estabelece uma conexão entre as estruturas segmental, entoacional e conceitual. Resultados de Moraes (1998) apontam para um aumento dos contrastes em F0, intensidade e duração entre sílabas átonas pretônicas, sílabas acentuadas e sílabas átonas postônicas.

A conexão entre as estruturas segmental, entoacional e conceitual, intermediada pelo acento, se dá, no PB, por meio da morfologia, podendo ser estabelecida uma relação entre a estrutura morfológica e a acentuação: tanto a derivação por sufixação quanto a flexão geralmente implicam no acréscimo de um morfema à margem direita da base, que, como vimos, corresponde à janela de localização do acento. Iremos apresentar argumentos de que os dois processos morfológicos têm consequências diferentes para a acentuação no português.

A relação entre derivação e acentuação diz respeito essencialmente ao papel dos sufixos na determinação da localização do acento, o que pode se dar de formas variadas. Há sufixos que sempre recebem o acento (e.g. *-ção, -ismo*), outros que não recebem o acento, mas afetam a acentuação da base (e.g. *-ico, -imo*), e outros ainda cuja adição não altera a acentuação da base (e.g. *-o*), como se pode ver nos exemplos abaixo:

civil → *cívico; civismo*

cantar → *canto*

Por outro lado, prefixos em geral não influenciam a acentuação primária da palavra derivada, mesmo em monossílabos (e.g. *tripé, enfim*), o que estaria relacionado ao fato de que a localização do acento no português considera a janela das últimas sílabas, na margem direita da palavra. Palavras não derivadas se apresentam com o acento próprio da base.

A flexão influencia a acentuação de forma aparentemente semelhante à derivação. Os morfemas flexionais, como os sufixos, são adicionados à margem direita da base e podem determinar a localização do acento. Alguns morfemas flexionais atraem para si o acento (e.g. *-ia-*, pretérito imperfeito, segunda e terceira conjugações), outros alteram a acentuação na base (e.g. *-mos*, da primeira pessoa plural) e outros não interferem na acentuação (e.g. *-o*, da primeira pessoa singular, presente).

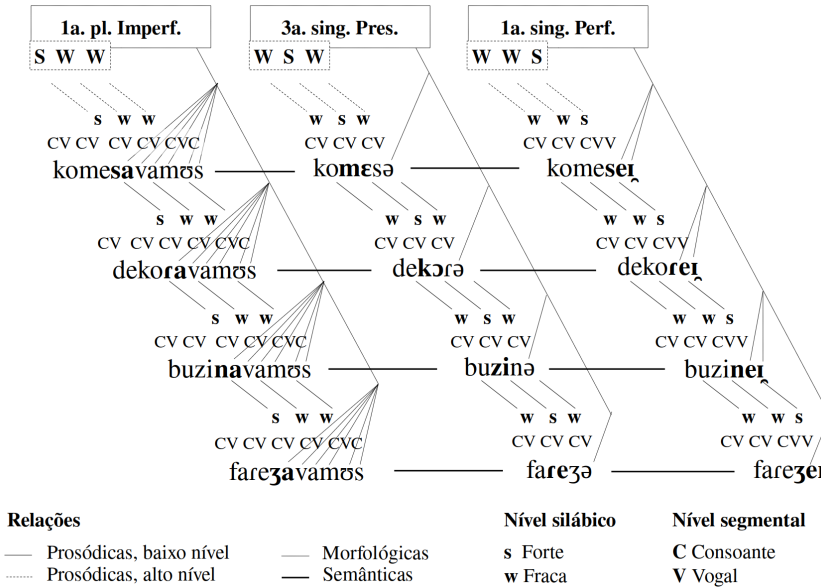
Dos dados apresentados, observa-se que os morfemas adicionados à margem direita da base, sejam eles derivacionais ou flexionais, podem determinar a acentuação da palavra, o que acontece geralmente quando tais morfemas consistem em uma ou mais sílabas e explicaria por que a maior parte das regularidades na localização do acento no português está relacionada a padrões morfológicos (cf. CAGLIARI, 1999).

As abordagens tradicionais consideram as generalizações possíveis sobre o acento no PB como um reflexo de regras ou restrições e, portanto, como causa determinante da regularidade verificada nesse sistema acentual (cf. estudos reunidos em ARAÚJO, 2007). As abordagens de uso, ao contrário, buscam interpretar as generalizações como resultado da rotinização de padrões. Os modelos teóricos multirrepresentacionais adotados neste estudo assumem que padrões segmentais e prosódicos interagem com a morfologia em um modelo de rede de modo a configurar a gramática prosódica (Bybee, 1985, 2010). Em uma análise multirrepresentacional, defende-se aqui que padrões gerais com relação ao acento no PB são resultado de processos de categorização em vários níveis da organização gramatical. Tal categorização acontece por meio de redes de conexões entre exemplares, formadas e fortalecidas a partir da recorrência na correspondência de padrões acentuais e morfológicos.

Uma análise semelhante à proposta neste estudo foi delineada por Farrell (1990), que se vale do modelo cognitivo de Langacker para analisar o acento em não verbos do espanhol. Em consonância com Farrell, sugere-se, aqui, que o acento lexical integra esquemas de nível alto de abstração e complexidade, como morfologia, fonotática e sintaxe, sendo parte da informação transmitida por ocorrências de uso. Tanto os morfemas derivacionais quanto os flexionais contribuiriam para o estabelecimento de redes de conexões. No entanto, as consequências funcionais da derivação e da flexão na dinâmica acentual do PB são diferentes. A morfologia flexional, mas não a derivacional, proporciona o estabelecimento de redes acentuais em exemplares com maior grau de coesão, pois integram a base e o morfema flexional. O fato crucial para a diferença entre flexão e derivação consiste no caráter idiossincrático da última e na sistematicidade da primeira. Na derivação, são construídas redes entre os sufixos semelhantes e entre as bases às quais eles se juntam, mas não entre bases e sufixos simultaneamente, uma vez que o domínio de ocorrência dos sufixos é restrito. Na flexão, por outro lado, as redes formadas são mais complexas e mais fortes, devido à sistematicidade com que as flexões ocorrem no paradigma verbal.

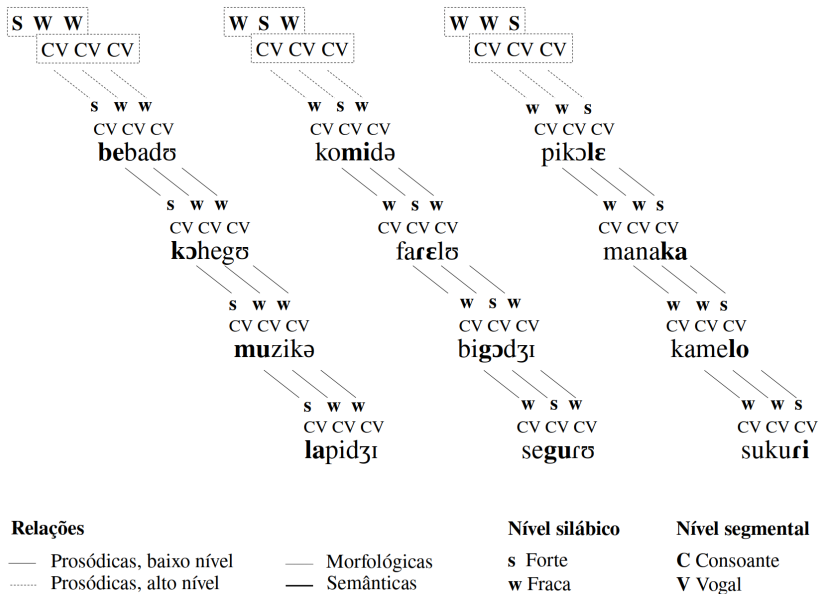
As FIG. 12 e 13, a seguir, seriam uma proposta de representação integrada das redes de conexão morfológica, semântica e prosódica. Note-se que, nessas figuras, as sílabas foram classificadas como fortes (s) ou fracas (w) considerando somente sua proeminência relativa dentro da palavra (i.e. se acentuada ou átona), não a formação de pés tradicionalmente proposta em estudos anteriores sobre o acento do PB. A FIG. 12 representa uma rede de conexões morfológicas e acentuais no sistema verbal.

FIGURA 12 – Estrutura prosódica emergente e esquemas de nível alto para proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas em verbos



A FIG. 13, por sua vez, mostra uma rede de conexões morfológicas e acen-
tuais no sistema nominal.

FIGURA 13 – Estrutura prosódica emergente e esquemas de nível alto para proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas em não verbos



As FIG. 12 e 13 representam esquemas gramaticais, com destaque para esquemas prosódicos de maior e menor nível de abstração, que emergem a partir de relações em rede estabelecidas entre exemplares, respectivamente para verbos e não verbos. A partir do uso efetivo dos itens lexicais, são promovidas generalizações de naturezas diversas – dentre as quais generalizações relativas à estrutura silábica da língua, à estrutura morfológica, à localização do acento – e que correspondem ao conhecimento gramatical. Essas generalizações que emergem do uso linguístico levariam à construção de esquemas de nível baixo a alto, referentes à fonotática (i.e. organização da estrutura silábica), à morfologia e ao padrão acentual da língua específica.

Sugere-se, nesta análise, que, no PB, tais esquemas se integrariam no sistema verbal, originando um esquema abstrato e complexo, determinante da atribuição do acento. O mesmo não ocorreria no sistema não verbal, em que esquemas morfológicos flexionais não correm em paralelo aos esquemas acentuais. Assim, defende-se neste estudo que as particularidades da acentuação em formas verbais frente às não verbais podem ser atribuídas a diferenças no mecanismo de armazenagem e processamento dos itens lexicais (BYBEE, 1985, 1995).

No PB, os verbos apresentam uma rede de informações morfológicas complexa e densa, que surge a partir da flexão verbal, responsável por expressar simultaneamente as noções de voz, aspecto, tempo, modo e concordância de número e pessoa, com certo grau de fusão. Comparativamente, relações flexionais nos não verbos são reduzidas e mais fracas, expressando apenas a noção de número (plural) e, algumas vezes, de gênero. A flexão de plural nos nomes acontece, em sua forma mais básica, pela presença de um morfema <-s> no fim das palavras – havendo formas mais complexas de plural no PB, mas que não vêm ao caso para os presentes propósitos. A presença do morfema de plural <-s> não alteraria a localização do acento. Mesmo nos casos em que se verifica a epêntese vocálica antes do morfema de plural, para evitar encontros consonantais indesejados (e.g. *amor, amores*, evitando o encontro *-rs*), a nova sílaba criada ao fim da palavra não afeta o padrão acentual. Nos nomes, portanto, haveria um acento *default* para a forma não flexionada, alterado apenas com a derivação, mas não com a flexão. Na derivação nominal, a localização do acento seria determinada pelos sufixos: o acento seria uma propriedade gramatical, morfológica.

Ao contrário dos não verbos, os verbos não apresentam um acento *default*, pois devem sempre ocorrer acompanhados de flexões que irão determinar o acento. Ademais, nos verbos, a vogal epentética entre duas consoantes de sílabas distintas pode opcionalmente receber o acento – (eu) **op**[i]to x **op**[i]to; (eu) **indig**[i]no ou

indig[i]no –, havendo deslocamento do acento em consequência da ressilabificação, como testado por Cantoni e Cristófaró (2008). Tal fenômeno apresenta um desafio para modelos que assumem o processamento serial de regras fonológicas. Por exemplo, na análise de Lee (1992), o acento é definido como uma regra lexical (ou seja, que se aplica ainda no léxico, antes da passagem pelo componente sintático), enquanto a epêntese seria uma regra pós-lexical, aplicando-se somente depois de o *input* ter passado pelas regras lexicais e pelo componente sintático. Na Fonologia Lexical, em que se baseia a análise do autor, uma regra lexical não pode se aplicar depois de uma regra pós lexical, surgindo, assim, um problema de ordem teórica ao lidar com o fenômeno mencionado acima.

A maioria das conexões lexicais entre não verbos é de natureza derivacional. Pelo acréscimo de sufixos, itens são formados a partir de outros, com os quais passam a manter relação no léxico. Contudo, essa relação seria mais fraca que a flexional, possivelmente porque a representação mental do novo item formado por derivação dispõe de maior autonomia conceitual que as formas flexionadas e, portanto, afasta-se mais da representação do item de que foi originada. Em vista disso, pode-se sugerir que redes complexas e densas, geradas principalmente pela flexão, seriam responsáveis por maior grau de integração em esquemas de nível alto, em comparação com as redes da derivação. Com base nessa hipótese, é possível demonstrar como os esquemas acentuais que surgem a partir de formas verbais no PB tendem a ser anexados aos esquemas morfológicos que lhes são paralelos, enquanto nos não verbos, o mesmo não se aplica, pois não há paralelismo entre esquemas morfológicos e prosódicos. Portanto, o padrão acentual distinto das formas verbais se deve a suas redes flexionais mais fortes, que interagem com a prosódia em esquemas de nível alto.

A Fonologia de Uso (BYBEE, 1995, 2001) assume que as palavras são as unidades básicas de armazenamento e que tais unidades representacionais são ricas em redundância e detalhes. A análise a ser desenvolvida neste estudo sugere que informações sobre o acento integram a representação mental. Defende-se, portanto, que o acento no PB é lexicalmente especificado, o que corrobora a ideia de que informações redundantes estão presentes na representação mental.

Argumentamos que, se a informação sobre o acento está presente na representação lexical, é possível alcançar uma análise compreensiva da produtividade de padrões acentuais, tanto na morfologia verbal, quanto na não verbal. Experimentos em percepção de fala testando a natureza lexical do acento foram elaborados de forma a contribuir com essa análise e serão apresentados no cap. 6.

A produtividade de padrões, para a Fonologia de Uso, é diretamente influenciada pela frequência de tipo (BYBEE; HOPPER, 2001). Para avaliar a frequência de tipo dos padrões acentuais no PB, foi realizada uma coleta de dados preliminar junto ao banco de dados do Projeto ASPA (Avaliação Sonora do Português Atual)⁷, um *corpus* de padrões sonoros do PB. A TAB. 1 a seguir mostra a frequência de tipo obtida nesse *corpus* para cada uma das três posições do acento (proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas), em verbos e não verbos. Os monossílabos foram excluídos dos cálculos, pois neles não se estabelece relação de proeminência acentual no nível da palavra, que é nosso principal interesse neste estudo.

TABELA 1 – Frequência de tipo de cada padrão acentual em verbos e não verbos

Posição do Acento	Verbos		Não verbos	
	N	%	N	%
Proparoxítonas	482	1,2	11.389	14,6
Paroxítonas	27.730	71,4	52.271	67,1
Oxítonas	10.617	27,3	14.200	18,2
Total	38.829	100,0	77.860	100,0

Considerando os dados dispostos na TAB. 1, verifica-se que a distribuição do número de palavras não é igual para os três padrões acentuais, tanto no grupo de itens que são somente verbos ($\chi^2[2] = 29.308$, $p < 0,001$), quanto no grupo de itens que não são verbos ($\chi^2[2] = 40.182$, $p < 0,001$). As palavras paroxítonas apresentam frequência de tipo significativamente maior que as demais e correspondem ao padrão acentual mais produtivo, como é frequentemente afirmado nos estudos sobre o acento no PB mencionados na seção 2.2. Esse fato é corroborado por uma análise da localização do acento em neologismos (cf. ALVES, 1994), em sua maioria paroxítonas.

Comparando os grupos de verbos e não verbos, vemos que há uma diferença significativa na distribuição de oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas entre itens que são verbos e não são verbos ($\chi^2[2] = 5.642$, $p < 0,001$), o que seria um indício de que o sistema verbal e o sistema não verbal apresentam dinâmicas acentuais distintas.

Para avaliar a frequência de ocorrência, usamos a estratégia de separar os itens em alta frequência e baixa frequência, considerando como critério de corte o valor de frequência de 8007 ocorrências (o que equivale ao critério de 35 por

⁷ <<http://www.projetoaspa.org>>.

milhão, adotado por Bybee (2002b), ao ser adequado às dimensões do Aspa). A TAB. 2, a seguir, mostra os valores resultantes dessa divisão.

TABELA 2 – Frequência de ocorrência de cada padrão acentual em verbos e não verbos

Frequência de ocorrência	Posição do Acento	Verbos		Não verbos	
		N	%	N	%
Alta	Proparoxítonas	1	0,2	259	12,5
	Paroxítonas	230	50,1	1.340	64,5
	Oxítonas	228	49,7	477	23,0
Total		459	100,0	2.076	100,0
Baixa	Proparoxítonas	481	1,3	11.130	14,7
	Paroxítonas	27.500	71,7	50.931	67,2
	Oxítonas	10.389	27,1	13.723	18,1
Total		38.829	100	77.860	100

Na separação apresentada na TAB. 2, as palavras com frequência de ocorrência igual ou maior a 8007 foram consideradas como de alta frequência e as que apresentaram frequência menor que 8007 ocorrências, como de baixa frequência.

Como podemos ver, o padrão paroxítono apresenta frequência de ocorrência maior que os demais padrões. Os três padrões acentuais apresentam distribuição significativamente diferente nas categorias alta frequência ($\chi^2[2] = 164, p < 0,001$) e baixa frequência de ocorrência ($\chi^2[2] = 5.562, p < 0,001$).

Resumindo as ideias até então expostas, assume-se como hipótese de trabalho deste estudo que o acento no PB é lexicalmente especificado, o que está em consonância com a ideia de que informações redundantes estão presentes na representação mental (Pierrehumbert, 2001a, 2003). Defende-se que a dinâmica de atribuição acentual nesta língua pode ser bem compreendida como resultado de abstrações a partir de exemplares, as quais são responsáveis pelas tendências gerais concernentes à atribuição do acento no léxico e na gramática. Destaca-se o papel crucial dos dados experimentais a serem testados para as hipóteses aqui levantadas, que serão discutidos no capítulo 6, a seguir.

Uma análise do acento no PB como a delineada neste estudo traz à tona algumas questões de extrema relevância. Dentre elas, destacam-se os seguintes tópicos: a) como uma análise estatística da fala pode oferecer generalizações relacionadas com tendências gerais da linguagem envolvendo sons e informações morfológicas; b) como se dá a relação de padrões silábicos e morfológicos com a atribuição de acento.